

Entre rainhas e reis

Angeli Rose

Eu não me chamo Pereira, mas é provável que leitores confundam esta coluna com o obituário do jornal, porque nos últimos tempos, desde o fim de ano de 2021, entramos numa série de perdas de notáveis que os dias de sol do verão intenso carioca andam nublados mesmos assim, aqui dentro de mim.



Como? Quem é Pereira? Caro leitor, cara leitora, vocês têm toda razão. Refiro-me ao personagem do filme "Páginas da revolução" (1995), com magnífica atuação de Marcello Mastroianni. Película de Roberto Faenza, baseada em romance de Antônio Taborda, Pereira é um jornalista, viúvo, vida estável e sem grandes emoções ou novidades, porém, ele resolve contratar um novo funcionário para o jornal em que trabalha a fim de que este cuide exclusivamente do obituário. Há certo humor de fina ironia nos diálogos e nas situações estabelecidas. Enfim, a questão disparadora é escrever o obituário. É a partir daí que os protagonistas encontram-se.

A V L

Academia Volta-redondense de Letras

Portanto, nada mais esperado do que o leve engano dos leitores diante dos focos dessa coluna.

Então, um pouco assim me sinto, já que o desejo de homenagear Lya Luft; Neide Archanjo, Thiago De Mello e a rainha Elza Soares é incontínente nesse dia. A Literatura tem sofrido um bocado com as perdas de almas tão luminosas como as destes poetas; e de igual monta, a música também perdeu agora Elza Soares. Sem desprezar os demais, prefiro me deter na última, a sambista maior que veio a falecer no mesmo dia do seu amor maior, Mané Garrincha - aquele das "chuteiras imortais"



Foto: Solange Brum / Divulgação / CP Memória
(<https://dol.com.br/entretenimento/cultura/692383/morre-thiago-de-mello-poeta-que-lutou-pela-amazonia?d=1>)
<https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/mais-um-luto-na-poesia-tambem-morreu-hoje-neide-archanjo.html>

Recordo que ainda menina, nos idos dos anos 60, minha mãe escutava na vitrola alguns discos de vinil ainda, entre eles, o de Elza Soares. Foi definitiva aquela referência formadora em minha memória e gosto musicais. Dali em diante, Elza Soares passou a integrar minha discoteca a ser montada aos poucos. Só mesmo na adolescência disparei a escuta mais ampla de outros artistas nacionais e internacionais.

As informações mais objetivas sobre a intérprete estão por toda a internet e não é difícil saber que Elza nasceu no

A V L

Academia Volta-redondense de Letras

Rio de Janeiro, dia 23 de junho de 1930 (Para mim ficou impossível esquecer porque é o mesmo dia e mês do nascimento do meu filho Thiago). Elza Da Conceição Gomes Soares, carioca que foi cantora, intérprete, compositora e uma mulher que sabia lutar pelo que acreditava. Foi perseguida pela Ditadura Militar, boicotada por empresários, enfim, a rainha e puxadora de sambas na avenida, TV e um começo de vida adulta muito sofrido: perdeu 4 filhos, inclusive, por desnutrição. Seu romance com Garrincha foi um escândalo a certa altura, porque ele fora casado antes de encontrar-se com Elza. Ambos "foram os amores da vida" de um e de outro.



"O silêncio de quando nos vimos a primeira vez /
atravessa a cozinha como um rio profundo" (Adélia Prado, In O casamento)

Com uma discografia solo de mais de 25 discos gravados conseguiu deixar 2 documentários feitos e ainda por lançar, um CD inédito, além de ter arriscado no Hip Hop, no Funk; Samba- jazz; jazz; Reggae, Bossa Nova; Soul. E quantos mais ritmos viessem do alto e falassem que Elza Soares foi uma procura feliz pela liberdade. Além de uma discografia imensa, a rainha do samba e dona de uma voz, ora rasgada, ora irônica, mas marcante.

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

A mulher negra pobre com sacola de papel pardo debaixo do braço alçou voos mais altos com sua voz e seu modo incisivo de ser, embora de estatura baixa, a fibra era forte e sabia onde queria chegar. E chegou. Muito antes dos estudos de coloniais chegarem aqui no Brasil, Elza Soares já tinha a consciência de sua negritude à flor da pele, assim como a questão da luta de classe. Seu planeta era da "Fome", como disse certa vez em entrevista. Era livre e lutava pela sua liberdade muito antes das questões de gênero estourarem em seu país. Elza queria cantar até o seu fim. E cantou.

Assim, a maior homenagem que se pode render a um artista é revisitá-lo, dedicar parte do seu tempo a ele. Ao leitor e à leitora, sugiro que faça uma maratona neste final de semana diferente. Leiam as obras desses poetas e escutem alguns dos mais de 30 discos de Elza Soares. Posso garantir que se dará conta de que o tempo passou e foi pouco para tanto deleite. Entre rainhas e rei, o leitor e a leitora poderão fazer um banquete espiritual com esses quatro artistas homenageando e curtindo a voz de cada um.

Até a próxima!

* * *

Angeli Rose (2022)

Crônica